



**A GUERRA SANTIFICADA: VIOLÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NO ROMANCE *PATRIOTAS*, DE SOUSA JAMBA**

*THE SANCTIFIED WAR: VIOLENCE AND INDIVIDUAL TRANSFORMATION IN THE NOVEL PATRIOTS BY SOUSA JAMBA*

*LA GUERRA SANTIFICADA: VIOLENCIA Y TRANSFORMACIÓN DEL INDIVIDUO EN EL ROMANCE PATRIOTAS DE SOUSA JAMBA*

Jéssica da Silva Höring<sup>1</sup>

**RESUMO:**

Este artigo tem como enfoque os bastidores da violência narrados no romance *Patriotas*, de autoria de Sousa Jamba. Partindo de uma leitura sociológica do texto ficcional, analisamos as práticas formativas transmitidas pelo movimento radical na constituição do guerrilheiro, sujeito que faz o uso da violência. O argumento central que mediou nossa leitura do romance é que o engajamento em movimentos radicais é gradual, envolvendo processos de socialização, incorporação de regras de comportamento e sentimento, rituais e conversões identitárias. No caso aqui analisado, enfocamos a trajetória de treinamento e socialização militar vivida pelo personagem principal do romance, Hosi Mbueti, na União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) durante a Guerra Civil angolana, e os efeitos desta experiência sobre o indivíduo. Considerando a trajetória do autor, tomamos o romance como uma espécie de documento social para pensar a realidade objetiva vivida por guerrilheiros na UNITA e, por isso, contrastamos os elementos ficcionais com estudos sobre recrutamento e engajamento em movimentos armados, de um lado, e dados históricos coletados por pesquisadores sobre a UNITA, de outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Patriotas*, União Nacional para a Independência Total de Angola, Sousa Jamba, violência, trajetória de ativismo armado.

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo. Bolsista de doutorado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. E-mail: [jessica.horing@gmail.com](mailto:jessica.horing@gmail.com)



**ABSTRACT:**

*This paper focuses on the backstage of violence as described in the novel Patriots written by Sousa Jamba. Through a sociological lens, we analyze the formative practices transmitted by the radical movement during the formation of the guerrilla, the subject who performs the violent act. The central argument is that the engagement in radical movements is gradual, involving processes of socialization, incorporation of feeling rules, rituals and identity conversions. In the case analyzed, we focus on the trajectory of training and military socialization experienced by the main character of the novel, Hosi Mbueti, in the National Union for the Total Independence of Angola (UNITA) during the Angolan Civil War, as well as the effects of such experience in his life. Considering the personal trajectory of the author, we take the novel as a form of social document to study the objective reality experienced by guerrillas in UNITA. For that, we contrast the fictional elements with studies on recruitment and engagement in armed movements, on the one hand, and historical data on UNITA, on the other.*

**KEYWORDS:** Patriots, National Union for the Total Independence of Angola, Sousa Jamba, violence, trajectory of armed activism.

**RESUMEN:**

*Este artículo se centra en el backstage de la violencia narrada en la novela Patriotas, escrita por Sousa Jamba. A partir de una lectura sociológica del texto de ficción, analizamos las prácticas formativas del movimiento radical en la constitución de la guerrilla, sujeto que utiliza la violencia. El argumento central que medió nuestra lectura de la novela es que la participación en movimientos radicales es gradual, involucrando procesos de socialización, incorporación de reglas de comportamiento y sentimiento, rituales y conversiones de identidad. En el caso aquí analizado, nos centramos en la trayectoria de entrenamiento y socialización militar vivida por el protagonista de la novela, Hosi Mbueti, en la Unión Nacional por la Independencia Total de Angola (UNITA) durante la Guerra Civil angoleña, y los efectos de esta experiencia en el individuo. Considerando la trayectoria del autor, tomamos la novela como una especie de documento social para reflexionar sobre la realidad objetiva vivida por la guerrilla en UNITA y, por lo tanto, contrastamos los elementos de ficción con estudios sobre reclutamiento y participación en movimientos armados, por un lado, y datos históricos recopilados por investigadores sobre UNITA, por otro.*

**PALABRAS-CLAVE:** Patriotas, Unión Nacional por la Independencia Total de Angola, Sousa Jamba, violencia, trayectoria de activismo armado.

## Introdução<sup>2</sup>

Este artigo propõe uma análise da experiência de engajamento militar vivida por Hosi, protagonista de *Patriotas*, romance de autoria do escritor angolano Sousa Jamba. Ambientado durante o período de descolonização e Guerra Civil em Angola, a obra tem como principal ponto de vista uma experiência gestada no campo militar da União Nacional para a Independência Total de Angola (doravante UNITA)<sup>3</sup>. A partir de um exame da trajetória deste personagem, a obra será tomada como uma espécie de documento social – fazendo eco à Serrano (1999) –, isto é, um aporte para analisar a constituição do sujeito que faz o uso da violência, em outras palavras, o processo de construção do homem soldado. O diálogo que aqui se estabelece entre a literatura especializada em recrutamento e engajamento radical e o texto ficcional, aproximação que pode causar estranheza à primeira vista, se deve fundamentalmente ao fato de o romance apresentar elementos na trajetória de Hosi que permitem cotejá-la com estudos que se propuseram a pensar as condições objetivas vividas na UNITA e em outros movimentos armados. Para este fim, ênfase será dada às dimensões de recrutamento gradual, socialização militar, controle institucional e violência política presentes no romance.

A literatura em Angola está em constante fusão com sua história, buscando nesta “[...] uma de suas matrizes de significado” (CHAVES, 2004, p. 147) e esculpindo, em troca, um conjunto de imagens sobre seu passado. Como aponta Lima, ela dá corpo a uma matriz de *realismo africano*, ou seja, trata-se de “[...] uma literatura muito presa à referência histórica, recorrendo assiduamente à sátira social, mas atravessada simultaneamente por um certo messianismo político” (1997, p. 133). Sinal disto é o caráter de pesquisa histórica presente em obras de escritores angolanos, a exemplo de José Eduardo Agualusa e Henrique Abranches (PESTANA, 2006). Além do uso que é feito do conteúdo histórico, e que serve de pano de fundo para a construção de muitos de seus personagens, é de destacar que o desenvolvimento da própria literatura angolana esteve atrelado aos processos históricos que ocorreram em território nacional, onde as marcas da experiência política que ela carrega passam a constituir tema privilegiado das produções (MATA, 2012), fundamentalmente o processo de descolonização e de Guerra Civil, pincelados sobretudo pela violência, seja ela física ou simbólica.

Inocência Mata (2012) explora dois momentos fundamentais do vínculo duradouro entre literatura e política em Angola. O primeiro, das gerações das revistas *Mensagem* e *Cultura II*,

---

2 Versões iniciais deste texto foram apresentadas na *Jornada de Estudos Literários On Violence: representações da violência nas literaturas africanas de língua portuguesa* e no *VI Seminário Discente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia* da Universidade de São Paulo. Agradeço os comentários recebidos nestas ocasiões por Tania Macêdo, Ana Paula Tavares, Ana Lúcia Sá, Issaka Maïnara Bano, Marcello Pocaí Stella e João Victor Kosicki, os quais ajudaram a refinar a análise da relação entre ativismo e violência, de um lado, e da representação da experiência da UNITA na literatura angolana, de outro.

3 A UNITA surgiu em 1966 como movimento de libertação em oposição ao colonialismo português em Angola e se consagrou como oposição militar ao governo do partido Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) durante a Guerra Civil (1975-2002).

é marcado pela luta anticolonial, presente na caracterização literária das dinâmicas sociais em Luanda no período colonial e na afirmação de uma *vontade de mudança*. O segundo, inaugurado com a publicação de *Mayombe* (1980) por Pepetela, é o momento que interessa a esta análise, em que a literatura redireciona seu olhar mais uma vez para a história do país, mas “[...] desta feita preenchendo os lugares vazios que a discursividade homogeneizante do “relato da nação” fundador apresentou, com a normalidade de uma história de conflitos apenas externos, sem contradições internas” (MATA, 2012, p. 30). Os exemplos trabalhados mais a fundo pela autora no texto, a saber *Os Anões e os Bandidos*, de Manuel dos Santos Lima, e *Mayombe e A Geração da Utopia*, de Pepetela, revelam todavia um ponto importante: todos eles dizem respeito a uma análise mais detida do MPLA ou a uma crítica à estrutura de Estado forjada por este partido, o que indica uma relação de poder pouco explorada, porém evidente, entre literatura, política e partido MPLA.

Nesse sentido, a despeito do lugar privilegiado que é concedido ao passado na literatura angolana, é clara uma priorização de determinadas vozes e de determinadas expressões históricas, culturais, sociais e, até mesmo, etno-linguísticas do país. Exemplo disso é a relação recorrentemente enfatizada entre a produção literária angolana e a capital Luanda, “sem dúvida, a “cidade da escrita” de Angola” (MACÊDO, 2006, p. 177). Macêdo (2006) argumenta que esta cidade é “[...] referência obrigatória no imaginário nacional e cenário privilegiado da literatura produzida no país. Dessa forma, cremos que estudar a literatura produzida em Angola é obrigatoriamente referir-se a Luanda, sua história e sua gente” (p. 178). Além dos atributos acumulados historicamente pela capital do país, e que justificam sua proeminência na hierarquia de cidades angolanas e a razão de ser o centro editorial e literário da nação, há um ponto, indicado pela autora, mas que não é problematizado a fundo neste seu trabalho, a saber a vinculação entre o espaço geográfico de Luanda e o MPLA.

Não é nosso objetivo retomar esse vínculo, tarefa já executada magistralmente por autores como Mourão (1978) e Macêdo (2008), e que se explica, dentre outros fatores, pelas experiências coloniais distintas em território nacional (MESSIANT, 1994) e a gestação de grupos literários e de intelectuais na capital Luanda (MATA, 2012) vinculados ao MPLA, partido ao qual foi transferido o poder do Estado independente, em 1975. O que importa ressaltar é que a literatura angolana do segundo período, conforme cronologia apontada por Mata (2012), não se limita a manifestações vinculadas à experiência de Luanda e do MPLA, e exemplo disto é o romance *Patriotas*, de Sousa Jamba, que também revisita a história de Angola e produz uma crítica à era dos movimentos de libertação nacional, mas, neste caso, com a importante diferença de ter como pano de fundo a UNITA e o planalto central de Angola. Ambientado na província do Huambo e na Jamba – território altamente organizado e controlado pela UNITA durante a Guerra Civil de Angola –, o romance oferece uma perspectiva literária elaborada fora dos círculos intelectuais de Luanda. Daí que seu valor não se limita a uma dimensão literária, perpassando também

a história nacional e abrindo espaço para reflexões sobre a diversidade das experiências de violência vividas em Angola e a forma como foram representadas nos textos literários.

Romance de estreia de Sousa Jamba, *Patriotas* foi publicado originalmente em língua inglesa com o título *Patriots* (1990) e teve uma tradução em língua portuguesa editada pela Cotovia, em 1991. É interessante pensar como o trajeto de publicação da obra, que saiu primeiro em língua inglesa, indica os percalços editoriais naquele período para aqueles que não tivessem relações com o governo do MPLA, o que pode ajudar a explicar por que a UNITA não escreveu no mesmo ritmo que seu oponente<sup>4</sup>. Além deste, são de sua autoria *On the Banks of Zambezi* (1993) e *A Lonely Devil* (1994), este publicado em português com o título *Confissão Tropical* (1995). *Patriotas* se popularizou na sua versão original em língua inglesa, posto que narra um episódio de queima de bruxas pela UNITA<sup>5</sup>, mas não recebeu atenção da crítica literária e não integra os estudos citados sobre a relação entre literatura, história e política<sup>6</sup>.

*Patriotas* narra a trajetória de Hosi Mbueti, desde sua infância no Huambo até sua entrada na UNITA, uma vida, como a de outros angolanos que viveram o fim da colonização e a posterior Guerra Civil, atravessada pela violência, refúgio, perda de laços sociais e atuação política. Percorrendo pontos importantes da história do sul de Angola – como a presença das missões cristãs e a experiência dos angolanos que migraram para os países vizinhos em busca de melhores condições de vida, particularmente após os incentivos coloniais para o assentamento branco –, o livro mostra uma paisagem pouco homogênea para o analista de primeira viagem, marcada pela atuação dos três movimentos políticos na região e disputas no seio das famílias. O romance se inicia com Hosi adulto na Zâmbia, onde vive como refugiado há dez anos, mas logo desloca o foco para a lembrança que o personagem faz do seu passado, condensando pontos fundamentais de sua trajetória, como é o caso da relação com o pai, feroz apoiador da UNITA, e as conversas de teor político entre Xavier Ramos e o Velho Pedro. Ao longo desse exercício da memória, fica claro que a decisão de regressar à Angola para ingressar nas fileiras da UNITA é um passo de reconciliação do personagem com seu passado e com sua identidade enquanto angolano.

---

4 Sou grata a Tania Macêdo por este questionamento. A resposta a esta pergunta, no entanto, perpassa as diferentes experiências coloniais em Angola e o tipo de relação que se constituiu entre o núcleo dos movimentos políticos angolanos e a produção intelectual de seus membros, análise que extrapola os objetivos deste artigo.

5 Ao longo da década de 1990, a UNITA foi acusada de promover rituais de queima de bruxas. O caso mais paradigmático foi o desaparecimento de uma família inteira, a Chingunji, que contava com membros fundadores do movimento.

6 Uma pesquisa bibliográfica realizada no dia 09 de novembro de 2020 na base de dados JStor com os termos de busca *Sousa Jamba* e *Sousa Jamba Patriots* não produziu nenhum resultado de textos sobre o romance. Em pesquisa na mesma data e com os mesmos termos realizada no Google Scholar houve referência a dois textos sobre a obra. O primeiro, de autoria de Sean Rogers e Isabel Hofmeyr, “‘Papa AK47’ or *Lolita in Africa: Gender, Nation and Citizenship in Sousa Jamba’s Patriots*”, foi publicado em 2014 na revista *Scrutiny*<sup>2</sup> e situa o livro em uma tradição transnacional de literatura da guerra, em diálogo com os trabalhos de Paul Fussell, Tobey Herzog, Stephen Crane e Erich Remarque. O segundo, “*Here’s looking at you, reader: a play of gazes in Sousa Jamba’s Patriots*”, trata-se de ensaio não publicado, de autoria de Ana Margarida Dias Martins.

Polifônica, a obra é apresentada em quatro livros que percorrem a vida de Hosi e de pessoas a sua volta e que apresentam perspectivas antagônicas a respeito dos grandes eventos históricos nos quais a ficção se ambienta: seu irmão Osvaldo, que ingressou no MPLA quando adolescente, e Raul – amigo que Hosi conheceu nas ruas do Huambo, após a morte de seus pais e que também ingressa na UNITA –, têm lugar especial na narrativa. Crenças políticas a parte, é de destacar que os três buscaram formas de ascensão social pela atuação política em movimentos antagônicos, e que Osvaldo e Raul, tendo alcançado patamares de distinção nas hierarquias militares, viveram os dilemas morais da abnegação demandada pelo compromisso com a libertação nacional. O primeiro, pela marginalização progressiva nas estruturas do MPLA, daí a ser corrompido pelo tráfico ilegal de diamantes, e o segundo, pelo impasse pessoal que o leva, prezando pela vida da mãe, a contribuir indiretamente para a sabotagem de sua missão militar na UNITA. Já Hosi, incapaz de se adaptar à vida na Jamba, sonha com a futura promoção que lhe facultará o retorno ao exterior e uma bolsa de estudos na Inglaterra. Todos os três, patriotas.

É fundamental destacar que a vida de Sousa Jamba se encontra neste romance, podendo este ser considerado espécie de relato autobiográfico. Sousa Jamba nasceu na Missão do Dondi, em Angola, e com dez anos de idade emigrou para a Zâmbia junto de sua família; tal qual o personagem Hosi, fez sua entrada na UNITA, onde trabalhou como jornalista fazendo a cobertura de eventos nas áreas controladas pelo movimento. Se, de um lado, isso dá abertura para situar o romance como registro histórico para analisar a experiência de participação na UNITA, de outro, traz desafios para a compreensão do personagem principal. Certo é que muitos marcadores diferenciam Hosi dos demais recrutas, por uma posição mais intelectualizada, conciliadora e crítica de diversas questões do movimento e da Guerra Civil. A respeito disso, é possível questionar ainda a intenção de publicação, já que o livro foi publicado em 1990, período em que eventos cruciais se gestaram na estrutura interna da UNITA, na forma de dissidências de quadros e denúncias de abusos contra os direitos humanos.

A leitura que aqui é feita da obra levará isso em consideração e por isso buscará, sempre que possível, comparar a trajetória do personagem com pesquisas especializadas sobre a UNITA. A este respeito é interessante notar que Leon Dash (1977, p. 41), no relato que fez acompanhando colunas militares da UNITA, aponta que alguns guerrilheiros afirmaram que cresceram como refugiados em campos na Zâmbia e Zaire, onde foram inseridos em atividades da UNITA por seus familiares. Depois de 1974, muitos desses indivíduos retornaram à Angola como apoiadores do movimento, relato próximo ao narrado no romance. Para além da correspondência entre trajetórias de recrutamento na UNITA, deslocamos a ênfase para as experiências formativas recebidas pelos indivíduos *dentro* do movimento e a rotina dos guerrilheiros. Como apontou Beck (2012), uma das estratégias da UNITA foi estabelecer um sentido de normalidade à vida na Jamba e às atividades de guerrilha. Esse processo, estratégia fundamental para a reprodução do movimento, envolveu, no que diz respeito aos guerrilheiros, etapas de conversão e produção do sujeito soldado, tópicos narradas no romance.

*Patriotas* não se trata entretanto de autobiografia de Sousa Jamba, formato em que há declaração clara da implicação de identidade entre autor, narrador e personagem (ALBERTI, 1991). No entanto, há romances, como é o caso em questão, que possuem uma dupla inscrição em categorias memorialísticas e ficcionais, na qual o “[...] escritor se apropria do que viveu para compor uma obra de ficção” (LIMA, 2006, p. 369). Pela trajetória pessoal de Sousa Jamba somos levados a crer que *Patriotas* se trata de uma espécie de romance pessoal, o que o torna especialmente rico do ponto de vista sociológico e antropológico. Dialogando com Serrano (1999), que explorou pontos retratados em *Mayombe* para compreender a experiência dos guerrilheiros do MPLA, é também possível tomar o romance *Patriotas* como documento social, afinal, tal qual o primeiro, é, em certa medida, fruto da experiência pessoal do escritor angolano, de onde advém um certo “olhar de dentro” (SERRANO, 1999, p. 133). Para a análise aqui proposta, embora o grau de veracidade das informações seja importante, mais importante ainda são os elementos de tensão que amarram a narrativa do livro e que a transformam em verossimilhança, isto é, os elementos que a narrativa traz em evidência e por meio dos quais se desenrola a trajetória do protagonista.

A fim de analisarmos a constituição do sujeito que faz o uso da violência, e a contribuição do romance para pensar a experiência de atuação política pelo ponto de vista da UNITA, o foco será inteiramente no livro II de *Patriotas* (capítulos treze a vinte e quatro), onde é narrada a entrada de Hosi neste movimento e o subsequente treinamento e socialização militar aos quais foi submetido. A justificativa deste recorte tem por fim abordar a experiência do personagem como guerrilheiro e a transformação gradual do indivíduo pela violência. Além desta introdução, o texto está dividido em duas partes e uma conclusão. Na primeira, é feita uma rápida revisão da literatura sobre engajamento radical e os impactos daí decorrentes na trajetória individual. Na segunda, redirecionamos a análise para a narrativa ficcional de Hosi e reconstruímos sua trajetória militar na UNITA. Três pontos são destacados: as formas de controle exercidas pela instituição, os rituais de iniciação militar, e os efeitos no indivíduo. Olhemos para isso.

### **A forja do soldado**

O tipo de engajamento que marca o recrutamento de Hosi na UNITA pode ser compreendido como um engajamento radical. Isabelle Sommier (2012, p. 25) aponta que movimentos radicais se caracterizam, de um lado, pela existência de um projeto alternativo de sociedade, o qual se concretiza por meio de um aprendizado comum, e de outro, pela rigidez das fronteiras entre o grupo e o mundo exterior, marcado pela construção coletiva de um conjunto de valores particulares e ruptura progressiva dos laços anteriores. Um dos elementos distintivos do engajamento radical é o poder exercido pelas instituições sobre o indivíduo, com clara estrutura hierárquica e controle sobre seus membros (HUNDEIDE, 2003). Um paralelismo possível pode ser estabelecido com o conceito de instituição total, de Goffman (1961), que se refere, *grosso modo*, a instituições caracterizadas pela vida reclusa, vigilância e o controle sobre o conjunto das vontades do indivíduo.

Um dos principais marcadores do engajamento radical é o caráter processual e gradual da inserção do ativista no movimento, o que torna equivocado pensar, por exemplo, que um indivíduo “entrou para a luta armada”. Pelo contrário, como afirma Sommier (2012), o ativista iniciante precisa cumprir etapas sucessivas e graduais, que servem de plataforma para a ascensão na pirâmide de carreiras radicais. Segundo a socióloga, “[...] a progressão na carreira envolve ritos, situações de teste, uma redução progressiva das esferas da vida, que variam a depender do grau de estruturação do grupo” (SOMMIER, 2012, p. 24, nossa tradução). Esse processo de socialização tem consequências diretas sobre o indivíduo, incluindo aí os efeitos do recrutamento – por vezes forçado – e dos treinamentos, assim como os efeitos de se testemunhar e fazer uso da violência (WOOD, 2008, p. 546). Assim,

[...] as experiências de esgotamento advindas dos treinamentos, desumanização pelas mãos de um incansável sargento, e degradação, seguidas pelo “renascimento” enquanto membros do grupo, através de rituais de iniciação, favoreceram a fusão dos recrutas em uma unidade coesa na qual as lealdades em relação uns aos outros se tornam mais fortes que as lealdades anteriores, como a lealdade relativa à família (WOOD, 2008, p. 546, nossa tradução).

Considerar o engajamento radical como processo de aprendizado gradual é importante para entender a lógica do uso da violência pelos ativistas. A violência à qual fazemos referência aqui é a violência política, entendida como “[...] repertórios de ação heterogêneos orientados para infringir danos materiais, psicológicos e simbólicos em indivíduos e/ou propriedades, com o propósito de influenciar uma série de audiências” (BOSI; GIUGNI, 2012, p. 85, nossa tradução). Buscando maior refinamento, a violência política que foi empregada pela UNITA, e que é retratada em *Patriotas*, trata-se de uma violência revolucionária, direcionada à mudança social radical contra o poder do Estado (SOMMIER, 2008, p. 19). Nela está presente uma gramática de justificação para o recurso à violência, apoiada, neste caso, em um registro de legitimação idealista, “[...] que faz da violência um instrumento de libertação, tanto individual como coletivo” (SOMMIER, 2008, p. 21, nossa tradução), afinal, como apontou Fanon (2004), toda obra de libertação nacional se trata de evento violento. De acordo com della Porta (1995), o uso da violência por ativistas – e a conversão destes indivíduos para este tipo de ativismo – só pode ser entendido dentro do contexto da carreira política de um indivíduo, no qual identidades coletivas são construídas e, através de processos coletivos, transformadas. Isto é,

A conversão para a violência requer uma redefinição específica da realidade [...] pela adoção de novas crenças e valores. Um novo sistema de valores se desenvolve dentro de uma rede social densa, favorecendo atitudes positivas perante formas de ação mais radicais. O engajamento é portanto resultado de um processo de construção de novas identidades coletivas, processo ao qual contribuem mecanismos afetivos, normativos e cognitivos [construídos pelo movimento] (DELLA PORTA, 1995, p. 154, nossa tradução).

Um ponto central para manter as pessoas engajadas e para que elas tenham um comportamento afinado com os objetivos do movimento advém das experiências formativas, que ajudam a criar contraculturas políticas distintas, redes de companheirismo e a redefinir as identidades. Ao longo do processo de socialização política grande papel é desempenhado pelas emoções e redes afetivas, as quais não apenas facilitam o isolamento da pessoa em relação ao mundo externo, como também dão sentido para as ações e riscos que elas acarretam ao ativista (DELLA PORTA, 1995). Ao fim e ao cabo, o engajamento neste tipo de ativismo pode implicar em ruptura biográfica, que passa pela renúncia da identidade anterior e renascimento enquanto soldado, guerrilheiro, ou ativista radical, passagem esta brindada com a atribuição de um nome de guerra, interiorização das regras de comportamento e sentimento (HOCHSCHILD, 1979) do movimento, reformulação das redes sociais e das biografias dos indivíduos (VITERNA, 2006; WOOD, 2008).

Deslocando nossa atenção para alguns estudos sobre a UNITA, notamos que o movimento também mobilizou estratégias de encorajamento (GOODWIN; PFAFF, 2001)<sup>7</sup> e estratégias formativas para sustentar o engajamento dos seus guerrilheiros. O que é interessante no caso angolano é que, independentemente do tipo de recrutamento vivido pelo ativista – se voluntário ou forçado –, o processo de socialização militar no grupo parece ter constituído a etapa mais importante de sua formação, com a principal diferença que no caso de indivíduos recrutados à força foram adotadas medidas especiais. Dash (1977), que acompanhou o cotidiano dos guerrilheiros da UNITA, destaca que o movimento trabalhava a disciplina dos seus soldados com aplicação de punições e formação política. A educação política envolvia a transmissão da história de Angola e a construção – e demonização – da imagem do inimigo, com clara indicação das razões de lutar contra o MPLA e o imperialismo russo-cubano.

Olhando para os casos da UNITA e da Renamo, Minter (1994) explorou o processo pelo qual pessoas recrutadas à força foram moldadas em soldados. De acordo com o autor, diversas práticas se assemelhavam àquelas adotadas por um exército convencional, baseadas na força (ameaça de prisão de dissidentes) e pautas de legitimidade. Ele destaca, no caso da UNITA, a ameaça de execução e as transferências internas, destinadas a separar os recrutas de suas comunidades e dificultar as perspectivas de fuga. Além disso, o autor indica o processo de demonização do inimigo, que, além de fornecer legitimidade para a luta, também servia como freio a deserções, posto que os soldados acreditavam que seriam mortos pelo governo – o que, como o próprio autor aponta, de fato acontecia. O sistema de treinamento da UNITA, ao contrário da Renamo, era altamente politizado, centralizado na Jamba e coordenado por oficiais angolanos e, eventualmente, sul-africanos, e considerada etapa essencial para a iniciação dos soldados (MINTER, 1994, p. 183).

---

7 Goodwin e Pfaff (2011) falam de mecanismos de encorajamento utilizados pelas lideranças dos movimentos para mitigar o medo dos ativistas, envolvendo etapas como criação de laços sociais próximos que legitimam o compromisso de ação política, encontros de massa que geram energia emocional (COLLINS, 2004), cerimônias de humilhação e treinamentos.

Assim como indica a literatura teórica acima revisitada, independentemente do tipo de recrutamento, a integração numa unidade militar e a finalização do treinamento básico asseguravam certo grau de solidariedade entre os recrutas (MINTER, 1994, p. 183). Por fim, o autor sublinha a existência de um sistema de recompensas ao ativismo, que fornecia incentivos positivos para os recrutas. No caso da UNITA havia incentivos simbólicos, na forma de avanço dentro das forças armadas e ocupação de cargos de poder depois da vitória na revolução, possibilidade de receber cursos e treinamento no exterior, e desfrutar de bolsas de estudo, especialmente em Portugal (MINTER, 1994, p. 185). Em um cenário de franca pauperização da qualidade de vida no país, o serviço militar na UNITA poderia ser concebido como oportunidade de ascensão social, alternativa de sobrevivência durante a guerra, obrigação política, desejo de vingança (VITERNA, 2006) ou como forma de proteger e valorizar a memória de um grupo (WOOD, 2003).

O psicólogo social Karsten Hundeide (2003) fez um estudo com crianças-soldados recrutadas pela UNITA durante a Guerra Civil de Angola. O autor se debruçou fundamentalmente sobre o processo de conversão experimentado por elas durante seu engajamento. Esse processo, segundo o autor, foi caracterizado pela perda de contato com relações sociais anteriores, redefinição do passado, aquisição progressiva de novas normas, processo de dessensibilização e profunda dependência emocional em relação ao grupo, demonstrações de lealdade, rituais e cerimônias de obediência. O estudo abordou crianças que foram forçadas a se mobilizar e aquelas que se mobilizaram voluntariamente – em sua maioria, porque não tinham exatamente outra opção. De acordo com o autor, as experiências pessoais de adaptação, criação de lealdade e treinamento militar foram variadas e dependeram, em grande medida, da forma pela qual a pessoa foi recrutada ao movimento (HUNDEIDE, 2003, p. 115).

Assim como Sommier (2012), Hundeide (2003) aponta que o engajamento nesse tipo de movimento pode “[...] envolver um lento processo de iniciação, onde cada etapa [...] é negociada e conquistada através de algum sacrifício ou ação de compromisso [...] e até mesmo rituais” (p. 108, nossa tradução)<sup>8</sup>. Os passos apontados pelo autor possuem gradações e podem ocorrer concomitantemente. Tratam-se de etapas de criação de uma nova identidade, de “[...] completa reorientação emocional, motivacional e cognitiva” (p. 119, nossa tradução), pautada por seus próprios valores e códigos de conduta (p. 119). Como veremos na próxima seção, a trajetória

---

<sup>8</sup> Em linhas gerais, Hundeide (2003, p. 113-114) aponta seis principais etapas. A primeira é o contato recompensador com membros importantes do grupo, isto é, a importância conferida ao pertencimento ao grupo na forma de inclusão em redes familiares e de amigos. Em segundo lugar, os novos recrutas precisam adotar os marcadores de identidade do grupo. Em terceiro lugar, o autor ressalta o processo de redefinição do passado do recruta e introdução de novos valores e estilos de vida. Depois dessa conversão inicial, ele indica uma quarta etapa, marcada por processos de comprometimento mais avançados e que envolvem sacrifícios e provas de dificuldade. Em quinto lugar, há o isolamento e doutrinação de novos valores e práticas, transmitidos pela via do doutrinamento direto e do exemplo. O último ponto diz respeito à demonstração maior de ações de comprometimento, o que, no caso de uma guerra, é o ponto extremo de matar o inimigo em ações de combate.

de treinamento militar de Hosi – que é saudado por ser cru, o que facilitaria a imputação dos valores do movimento (JAMBA, 1991) – apresenta alguns desses pontos. Nas próximas seções, atentaremos para três etapas dos bastidores da violência apresentadas no romance *Patriotas*: o controle e processo de conversão identitária do personagem, os rituais de iniciação e os efeitos da socialização militar no personagem. Embora estejam todas presentes no livro II, essas etapas não aparecem de maneira ordenada e linear, o que nos ajuda a pensar o cruzamento de estratégias formativas, mediadas, com certa variação, por momentos definidores/ritualísticos e efeitos contraditórios no personagem.

### ***Idiotas espertos: controle e acomodação***

O treinamento e a socialização no grupo armado ocorrem tanto formalmente, pela imersão no campo, quanto informalmente, através de rituais de iniciação, que reduzem os constrangimentos que as pessoas têm em fazer uso da violência. Hosi faz sua entrada na Jamba em 1984, juntamente com outros jovens angolanos que, assim como ele, também viviam na Zâmbia. Acompanhamos a trajetória do personagem por mais ou menos um ano. Nas primeiras semanas de Hosi em Angola, a narração se direciona para o controle institucional de conduta dos recrutas pela UNITA e a criação de um sentido de normalidade dentro da comunidade (BECK, 2012). Inicialmente o personagem fica uma semana sem ninguém falar com ele – por medidas de segurança –, até que um capitão que diz ser seu tio o convida para sua festa de aniversário. Interpelado sobre a razão do parentesco, ele diz que isso não importa, posto que o parentesco deles é o sangue angolano que corre em suas veias (JAMBA, 1991, p. 116). Isso pode parecer trivial, mas um dos principais eixos de socialização em movimentos armados é a inserção em redes de companheirismo e simulação de parentesco (HUNDEIDE, 2003).

No diálogo com o tio capitão que segue, ao longo do capítulo treze, temos exemplos de uma série de expressões de controle e violência simbólica que se repetirão ao longo do romance na forma de auto-correções e repreensões de comportamento. Neste diálogo em questão, o capitão se autocorrige quando diz que pintou os quadros do Dr. Jonas Savimbi pelo “meu povo”: “[...] Quero dizer, fi-lo pelo povo. Quem sou eu para lhe chamar meu povo?” (JAMBA, 1991, p. 117). Posteriormente, o capitão exorta a importância dos idiotas espertos para a luta angolana, isto é, as pessoas verdadeiramente leais e que seguirão o comando sem questioná-lo, que responderão com disciplina ao chamado: “Se o partido disser que é preciso matar os cubanos porque eles são os inimigos do povo, espera-se que toda a gente pegue numa espingarda e lute” (JAMBA, 1991, p. 119). Esse primeiro núcleo de exortação da disciplina se encerra com o sargento Herculano, diretamente responsável por Hosi, que o busca na festa do tio e chama sua atenção por não ter solicitado sua autorização. Ele assim diz: “[...] Lembra-te de uma coisa – isto é uma guerra. A disciplina é crucial” (JAMBA, 1991, p. 130).

Outros exemplos de controle institucional se repetem nas primeiras semanas de vivência do personagem na Jamba. Quando Hosi se portou com arrogância com o funcionário de controle de pessoal, foi exortado pelo Coronel Bazooka (JAMBA, 1991, p. 149-150), de quem recebeu a Constituição e Estatuto de Regulamento Interno da UNITA. Com isso foi dado um passo adicional na conformação à disciplina interna, tal seja a adequação às regras de comportamento e sentimento, ditadas pelo Pensamento Supremo, isto é, o Pensamento do líder Dr. Jonas Savimbi. Outro mecanismo de socialização que vem de par é o da construção da identidade, na forma de identificação positiva do *nós* versus o de identificação negativa do *eles*. Diversos trechos do romance sinalizam a retórica de polarização e desumanização do inimigo, como quando o instrutor diz a Hosi que “[...] Estamos aqui para aprender a matar, porque os do outro lado estão neste preciso momento muito atarefados a aprender a matar-nos a nós” (JAMBA, 1991, p. 224).

Para finalizar essa primeira parte, olhemos para o diálogo entre Hosi e Njekwa, um padre católico que ele encontra na floresta quando os companheiros da UNITA o abandonam durante uma saída de campo. O cenário de confissão, ambientado na floresta angolana, sinaliza uma reflexão sobre a dimensão simbólica da guerra e dá o título ao nosso texto:

‘Tenho a sensação de que como foste criado na Zâmbia, não és como os outros soldados’.

‘Então, em que aspecto é que sou diferente?’

‘És diferente porque não sofreste tanto como os outros. O sofrimento endurece o coração das pessoas, infelizmente. [...] Isto pode não se tornar visível logo ao princípio. [...] Mas a dada altura, as pessoas que sofreram desejam dar algum significado ao seu sofrimento. Estar-se envolvido numa causa nobre não basta. É quando os que sofrem precisam de ver sangue, mas tem de ser o sangue dos companheiros de sofrimento, o sangue dos seus companheiros de armas, derramado às ordens dos que os comandam. Repara bem: quando um soldado da UNITA vê o cadáver de um soldado do MPLA, ou de um cubano, claro que se regozija, ergue no ar a Kalashnikov e grita palavras-de-ordem. Mas quando vê o homem com quem antes escapou às balas inimigas diante do pelotão de fuzilamento, prestes a ser abatido por se ter desviado do Pensamento Supremo, que é como me disseram que se chama, a guerra ganhará para ele uma nova dimensão. Será santificada’ (JAMBA, 1991, p. 243-244).

É essa santificação que denota o sentido que a guerra vai assumindo para o guerrilheiro. Embora exista uma questão ideológica explicativa fundamental para o engajamento em movimentos radicais, o grande motor explicativo para a manutenção da participação tende a ser o dos laços sociais. É na morte do companheiro de armas que a eficácia dos rituais se expressa, unindo a guerra com vínculos ainda mais profundos. Nessa passagem, o padre Njekwa ainda transpassa a divisão entre o *nós* e o *eles* da identidade coletiva, trabalhando no nível da provação com a parte ritual da polarização e intensificação da divisão entre o bem e o mal. Trata-se daquilo que dá sentido sagrado à luta, como diria Durkheim, e que por isso mesmo reforça o comprometimento.

## **Rituais de iniciação: o renascimento do homem enquanto soldado**

Os rituais, como diz Summers-Effler (2007), “[...] geram emoções de grupo que estão ligadas a símbolos, os quais formam a base de crenças, moralidade e cultura” (p. 135, nossa tradução) e influenciam a ação futura. Um dos momentos definidores da conversão de Hosi em soldado foi quando recebeu a sua farda do sargento Herculano: ““Ora aí tens. Nada de roupas civis para um jovem angolano. Esta é uma nação de combatentes, de patriotas. Veste isto e começas logo a sentir-se um verdadeiro soldado”” (JAMBA, 1991, p. 139). O início da instrução militar deixa clara a transição para uma nova vida: o sargento Ngola assim diz para os recrutas: ““Meus irmãos’, começou, ‘peço-lhes que se preparem. Agora, é como se vocês fossem galinhas. Primeiro, nós vamos transformá-los em mulheres e, a seguir, em homens”” (JAMBA, 1991, p. 190).

A dramatização continua quando Hosi é escolhido para um treinamento especial. Assim que chega ao destino em que ocorrerá a formação, ele e outros recrutados passam a ser chamados apenas pelo seu número; o de Hosi é o 105 (JAMBA, 1991, p. 207). A ritualização também se dá na forma de castigos. Temos o exemplo do recruta Tiago (capítulo vinte e três), cuja punição por portar feitiços é altamente publicizada perante os demais, envolvendo trabalhos braçais e humilhação dos colegas que entoam canções sobre feiticeiros e traidores da revolução. Mas, note-se, os castigos não são aplicados levianamente, devendo ser respeitado o valor da punição perante o indivíduo e os demais recrutas. Exemplo disso ocorreu quando Hosi, chegando atrasado ao acampamento por ter dormido demais, obteve como resposta uma canção, entoada por seus companheiros recrutas, cuja letra dizia que “*Uma pessoa insignificante não pode deter a revolução*” (JAMBA, 1991, p. 209). Furioso, o instrutor ordenou que os recrutas parassem de cantar:

[...] “São mesmo crus! Politicamente imaturos, não percebem nada desta luta. Quem é que lhes disse que o *Kamunukamosi* é para cantar à vontade? O 105 estava a dormir quando devia estar acordado. Claro que está mal, mas isso não quer dizer que seja tão mau como um cubano ou um soviético. Só cometeu um erro, mais nada”. E voltando-se para Hosi: “Cinquenta flexões. Rápido” (JAMBA, 1991, p. 209).

Aos poucos o engajamento vai tomando todos os espaços da vida do indivíduo, incluindo aí os momentos de descontração, caracterizados por grande zelo, como é o caso do aniversário de Cristina (capítulo vinte e um), cuja celebração se dá às voltas do movimento e o discurso de aniversário exorta o Mais Velho – Dr. Jonas Savimbi – e a UNITA, porque afinal “[...] Um verdadeiro revolucionário [...] devia estabelecer a distinção entre prazer e luta” (JAMBA, 1991, p. 231). O controle institucional sobre a vida individual também se manifesta nos diálogos que Hosi tem com outros recrutas: as regras de comportamento e sentimento demandam conversas sobre estratégias contra o inimigo e reflexões sobre a violência e a guerra. Elas envolvem, muitas vezes, perguntas limítrofes que condensam os sacrifícios demandados da luta revolucionária, como é o caso da que o recruta Carlito faz a Hosi: ““entre a tua mãe e o teu país, qual escolhias?”

(JAMBA, 1991, p. 197). À resposta de Hosi à pergunta, dizendo que o deixasse em paz, Carlito lhe diz: “Oh, desculpa. Venho saber a resposta amanhã” (JAMBA, 1991, p. 197).

### Efeitos no indivíduo

Se inicialmente as repreensões de comportamento eram feitas pelas autoridades e indivíduos já afeiçoados à vida na Jamba, gradualmente observamos a absorção dos novos valores e conformação da mentalidade e gestual do protagonista para aquilo que se espera de um soldado. No capítulo vinte e três, Hosi já se mostra acostumado com o treinamento, cada vez mais duro, passando mesmo a apreciá-lo: “Por esta altura, já lhe parecia que a guerra não tinha segredos. Pela primeira vez, sonhava com ela, sobretudo com os aspectos gloriosos: a emoção de planejar e aniquilar o inimigo; o prazer de o apanhar de surpresa; e as promoções” (JAMBA, 1991, p. 225). Ainda assim, o medo nunca o abandona completamente, seja o medo da morte ou o medo da perseguição interna, de virar um traidor. Sobre isso, temos uma passagem de reflexão do personagem, que acontece logo após Tiago, o feiticeiro, ser punido:

[...] Hosi tinha medo, como toda a gente, mas era um medo estranho. Não era como o medo que sentia em pequeno. Era menos penetrante e, contudo, de certa maneira mais intenso. Era o tipo de medo expresso no fervor com que as palavras-de-ordem eram entoadas; na atitude servil das pessoas perante o Mais-Velho; e na maneira como eram levadas a decorar fragmento a fragmento os seus discursos.

Para Hosi, era o tipo de medo que levava alguns a desejarem ser atingidos na cabeça e terem uma morte heroica, em vez de continuarem vivos. Era um medo omnipresente. [...] Hosi sentia que cada palavra pronunciada passava pelo crivo da maquinaria do Pensamento Supremo, para avaliarem se se tinha desviado demasiado ou não [...] Sabia que se desse livre curso aos pensamentos que lhe acudiam à cabeça, seria apelidado de traidor. E também sabia que em ambos os lados havia pessoas que acreditavam que combatiam o mal e morriam por isto. Fechou os olhos e viu torrentes de sangue. Quando voltou a abri-los, estavam cheios de lágrimas.

Começou a odiar-se. Sabia que por esta altura já o treino recebido deveria ter expulsado toda a espécie de sentimentalismos. Apercebeu-se de que, agora, precisava era de ir para a frente, de ver a morte diante de si, de adquirir experiência. Talvez então todos estes pensamentos deixassem de o atormentar e as coisas se tornassem totalmente claras. Lembrou-se de alguém lhe ter dito uma vez que para um rapaz angolano havia duas cerimónias de iniciação principais: o momento em que era circuncisado e o momento em que disparava a primeira bala (JAMBA, 1991, p. 229-230)<sup>9</sup>.

O questionamento e repreensão do personagem são indicativos de auto controle e da necessidade de adaptação ao exercício da violência. As ações de comprometimento, a que

<sup>9</sup> Destaque para uma passagem do livro de Dash (1977, p. 52) em que o Major Katalayo pergunta aos soldados, que estavam cansados, se eles não haviam sido circuncisados. Sarcástico, o Major quer saber se os soldados já haviam se tornado homens.

Hundeide (2003) chama atenção, isto é, os atos que expressam e confirmam o status da pessoa como membro do grupo, exigem treino de execução. Apesar das mudanças advindas de sua formação, o personagem se vê constantemente digladiado por sua incapacidade de adaptação, o que se explica por sua posição contrastante em relação ao soldado ideal. Mais intelectualizado, Hosi tem dificuldade em se converter em *idiota esperto*, exercendo, ao contrário, uma postura mais questionadora perante seus superiores: “Não sou assim tão inteligente. É por isso que tenho sempre discussões com os instrutores. Talvez não dê um soldado assim tão bom. Os bons soldados não pensam; agem” (JAMBA, 1991, p. 225). No caso de Hosi, a passagem para a etapa de ações extremas não ocorre, posto que o romance não acompanha a fundo a atividade do personagem no campo de batalha – o que, como apresentado no começo deste texto, é um marcador de diferença em relação aos outros recrutas<sup>10</sup>.

O engajamento em movimentos radicais envolve um nível alto de investimento pessoal, afinal, há riscos antecipados envolvidos. É mais que simples retórica e adoção de uma linguagem ideológica e marcadores externos de comportamento. Como membro do movimento, existe um código tácito de participação nas práticas e rituais cotidianos, com confirmação recíproca dos valores, disciplina e moralidade. Para ser considerado um verdadeiro soldado é necessário expressar para a liderança do movimento a aceitação dos valores num sentido bastante profundo e que o indivíduo está preparado a fazer sacrifícios pela causa. No caso de Hosi, ele faz um sacrifício de abandonar a vida na Zâmbia, não necessariamente boa, mas onde não corria, a princípio, risco de vida. No entanto, para além do sentimento de obrigação de tomar parte na luta, o personagem também mira para a possibilidade de ascensão social, fundamentalmente a oportunidade de receber uma bolsa de estudos e viajar para a Inglaterra, tal qual seu irmão Osvaldo, que partiu com o MPLA rumo à Cuba. Essas tensões não se limitam à experiência de Hosi e, como apontado na introdução, também marcaram as trajetórias de Raul e Osvaldo. Ao fim e ao cabo, tudo indica que a experiência de conversão não foi total, sendo antes mediada por cisões mais profundas da luta de libertação nacional angolana, o que explica, em parte, a existência de modelos patrióticos distintos e, ainda assim, muito semelhantes.

## Conclusão

Ao longo do romance, acompanhamos o processo gradual de adaptação de Hosi às circunstâncias de vida que Angola oferece à sua frente. Em um primeiro momento, o personagem é forçado a se adaptar *pela violência* cometida contra sua família, fugindo em um caminhão com desconhecidos para o Huambo, onde vira refugiado; em um segundo momento, ele é forçado a se

---

<sup>10</sup> No capítulo vinte e nove, livro III, é narrada a primeira experiência de Hosi no campo de batalha. A tensão narrativa é, entretanto, resolvida em poucas linhas e rapidamente deslocada para a captura do personagem por soldados do MPLA (JAMBA, 1991, p. 294-296).

adaptar *para a execução da violência*, como sujeito soldado. Ao cotejar o romance com estudos de engajamento de indivíduos na UNITA e com estudos sobre outros movimentos armados, nota-se que aspectos dos bastidores da violência política aqui apresentados se aproximam dos dados apresentados em textos científicos no que diz respeito ao treinamento, socialização militar, repressão de emoções, adaptação de comportamento, criação de laços sociais, entre outros.

Ainda que a guerra e a violência sejam temas presentes na literatura angolana, a abordagem desses temas favoreceu, fundamentalmente, o ponto de vista e a experiência de luta do MPLA, restando à UNITA o lugar do *outro* e abrindo espaço para explicações e retóricas estigmatizantes. Não foi objetivo deste texto avaliar os méritos estéticos do romance *Patriotas*, mas entendemos que se trata de uma obra rica do ponto de vista sociológico, pois permite olhar não só para a diversidade, mas também para a semelhança das experiências de violência vividas em Angola, nos seus diferentes movimentos políticos em termos de disciplina, recrutamento, rituais de adaptação à violência. A grande especificidade do romance, e talvez o que mais explica o interesse pela obra, é o grau de correspondência que pode ser explorado entre personagem e autor. Embora o pacto autobiográfico não exista, como deixamos claro ao longo do texto, o percurso biográfico de Sousa Jamba e a forma como o livro foi apresentado ao mercado e, conseqüentemente, compreendido por seus leitores, possibilita essa aproximação.

Refletir em que medida a trajetória de Hosi é representativa da realidade extrapola entretanto os objetivos deste artigo, o que demandaria uma análise de trajetória da vida do escritor. Todavia o que parece interessante não é medir a gradação de tal correspondência, mas sim refletir sobre as experiências formativas recebidas pelos indivíduos em movimentos armados e as tensões que se interpuseram entre as demandas dos diversos projetos coletivos e as biografias individuais. Afinal, “Quem é um verdadeiro patriota?” (JAMBA, 1991, p. 308). As tensões a isso no nível individual, expressas nas carreiras de Osvaldo e Raul, membros respectivamente de MPLA e UNITA, e nos dilemas morais de Hosi, justificam o título do livro, evidenciam os limites da forja artesanal do soldado ideal, e reforçam o teor de crítica do romance à era dos movimentos de libertação nacional, que ceifou, de todo lado, vidas e sonhos de gentes tantas vezes incapazes de expressar na prática o sacrifício demandado para tal tarefa.

### Referências:

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: A questão do sujeito na narrativa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 66-81, 1991. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2313>, Acesso: 08 jan. 2021.

BECK, Teresa. **The Normality of Civil War: Armed Groups and Everyday Life in Angola**. Frankfurt: Campus Verlag, 2012.

CHAVES, Rita. O passado presente na literatura africana. **Via Atlântica**, n. 7, p. 147-161, 2004. DOI: <<https://doi.org/10.11606/va.v0i7.49794>>.

COLLINS, Randall. **Interaction Ritual Chains**. Princeton: Princeton University Press, 2004.

DASH, Leon de Costa. **Savimbi's 1977 Campaign Against the Cubans and MPLA – Observed for 7 ½ Months, and Covering 2.100 Miles Inside Angola**. Pasadena: California Institute of Technology, 1977.

DELLA PORTA, Donatella. **Social Movements, Political Violence, and the State: a comparative analysis of Italy and Germany**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FANON, Frantz. On Violence. In: FANON, Frantz. **The Wretched of the Earth**. New York: Grove Press, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1961.

GOODWIN, Jeff; PFAFF, Steven. Emotion Work in High-Risk social movements: managing fear in the U.S. and East German Civil Rights Movements. In: GOODWIN, Jeff; JASPER, James; POLLETTA, Francesca (Ed.) **Passionate Politics**. Chicago: University of Chicago Press, 2001.

HOCHSCHILD, Arlie. Emotion Work, Feeling rules, and social structure. **American Journal of Sociology**, n. 85, 1979.

HUNDEIDE, Karsten. Becoming a committed insider. **Culture & Psychology**, v. 9, n. 2, 2003. DOI: <<https://doi.org/10.1177/1354067X0392001>>.

JAMBA, Sousa. **Patriotas**. Lisboa: Edições Cotovia, 1991.

LIMA, Isabel Pires de. Em busca de uma nova pátria: o romance de Portugal e de Angola após a descolonização. **Via Atlântica**, n. 1, 1997. DOI: <<https://doi.org/10.11606/va.v0i1.48677>>.

LIMA, Luiz Costa. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACÊDO, Tania. Luanda: Violência e escrita. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Marcas da diferença: As literaturas africanas de línguas portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006, p. 175-188.

MACÊDO, Tania. **Luanda, cidade e literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

MATA, Inocência. Literatura e política em Angola, hoje: Uma leitura da produção ficcional contemporânea. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 25-44, jul./dez. 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22595>>. Acesso em 08 jan. 2021.

MESSIANT, Christine. Angola, les voies de l'ethnisation et de la décomposition (1<sup>ère</sup> partie). **Lusotopie**, n. 1, 1994, p. 155-210.

MINTER, William. **Apartheid's Contrasts. An inquiry into the roots of war in Angola and Mozambique**. London: Zed Books, 1994.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **A sociedade angolana através da literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

PESTANA, Nelson. A história na estória em Angola: Henrique Abranches e José Eduardo Agualusa. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Marcas da diferença: As literaturas africanas de línguas portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006, p. 227-242

SERRANO, Carlos. O romance como documento social: O caso de *Mayombe*. **Via Atlântica**, n. 3, dezembro 1999. DOI: <<https://doi.org/10.11606/va.v0i3.49013>>.

SOMMIER, Isabelle. **La violence révolutionnaire**. Paris: Presses de Sciences Po, 2008

SOMMIER, Isabelle. Engagement radical, désengagement et déradicalisation. Continuum et lignes de fracture. **Lien social et Politiques**, n. 68, 2012. DOI: <<https://doi.org/10.7202/1014803ar>>.

SUMMERS-EFFLER, Erika. Ritual theory. In: STETS, Jan; TURNER, Jonathan (Ed.). **Handbook of the sociology of emotions**. New York: Springer, 2007.

VITERNA, Jocelyn. Pulled, pushed and persuaded. Explaining women's mobilization into the Salvadoran guerrilla army. **American Journal of Sociology**, v. 112, n. 1, p. 1-45, 2006. DOI: <<https://doi.org/10.1086/502690>>.

WOOD, Elisabeth. **Insurgent Collective Action and Civil War in El Salvador**. New York: Cambridge University Press, 2003.

WOOD, Elisabeth. The social processes of Civil War: the wartime transformation of social networks. **Annual Review of Political Science**, v. 11, p. 539-561, 2008. DOI: <<https://doi.org/10.1146/annurev.polisci.8.082103.104832>>.